

Sinais de cena 21

APCT | Associação Portuguesa de Críticos de Teatro | Junho de 2014



Sinais de cena 21

Junho de 2014



Sinais de cena

N.º 21, Junho de 2014

Propriedade	APCT (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), em colaboração com o CET (Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa)
Membros co-fundadores da revista	Carlos Porto, Paulo Eduardo Carvalho, Luiz Francisco Rebello
Direcção	Maria Helena Seródio
Conselho redactorial	Emília Costa, Fernando Matos Oliveira, João Carneiro, Miguel Falcão, Rita Martins, Rui Pina Coelho e Sebastiana Fadda
Conselho consultivo	Christine Zurbach, Georges Banu, Ian Herbert, José Oliveira Barata, Juan António Hormigón, Maria João Brilhante, Michel Vaïs, Nikolai Pesoschinsky
Colaboraram neste número	Ana Campos, Anabela Mendes, Alexandra Moreira da Silva, Christine Zurbach, Constança Carvalho Homem, Emília Costa, Elisabeth C., Eunice Tudela de Azevedo, Joana d'Eça Leal, João Carneiro, Jorge Palinhos, José Gabriel López Antuñano, Luís Mestre, Maria Helena Seródio, Maria João Brilhante, Paula Caspão, Paula Magalhães, Rita Martins, Rodrigo Francisco, Rui Pina Coelho, Samuel Silva, Sebastiana Fadda, Vera Santos
	Os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores, assim como a opção de seguir o Acordo Ortográfico ou a antiga grafia.
Concepção gráfica	Fuselog - Gabinete de Design, Lda. fuselog@fuselog.com
Direcção, Redacção e Assinaturas	APCT - Associação Portuguesa de Críticos de Teatro Av. Duque de Loulé, 31 1069 - 153 Lisboa www.apcteatro.org CET - Centro de Estudos de Teatro Faculdade de Letras de Lisboa: sala 67 Alameda da Universidade 1600 - 214 Lisboa Tel. Fax: [351] 21 792 00 86 estudos.teatro@fl.ul.pt www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm
Edição	Edições Húmus
Impressão	Papelmunde, SMG, Lda.
Periodicidade	Semestral
Preço	12,00 €
Depósito Legal	216923/04
Tiragem	400 exemplares
ISSN	1646-0715
Apoios	FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

Índice

Editorial

sete	<i>Eppur si muove...</i>	Maria Helena Serôdio
------	--------------------------	----------------------

Dossiê temático

nove	A festa magnífica no Porto para a cerimónia do Prémio da Crítica 2013	Maria Helena Serôdio
treze	O Festival Internacional de Teatro de Almada: Uma organização de diversidade única	João Carneiro
quinze	Um festival movido a pedais	Rodrigo Francisco
dezassete	Ah! Que Beckett este, pelo Teatro Nacional São João!	Maria Helena Serôdio
dezanove	A essência da angustiante e claustrofóbica solidão: <i>Os meus sentimentos</i> , por Mónica Calle	Emília Costa
vinte e um	Um Lear em trânsito entre o Japão e Guimarães	Samuel Silva

Portefólio

vinte e três	Imagens no feminino	Maria João Brilhante
--------------	---------------------	----------------------

Na primeira pessoa

trinta e sete	Tiago Rodrigues Sem truques	Rui Pina Coelho Joana d'Eça Leal
---------------	--------------------------------	-------------------------------------

Em rede

cinquenta e três	Somos todos agentes culturais	Ana Campos
------------------	-------------------------------	------------

Estudos aplicados

cinquenta e cinco	Encenações neste início de século: Criadores e novas tendências	José Gabriel López Antuñano
sessenta e um	Um <i>workshop</i> - Um plano de composição para agir e pensar a partir do "meio"	Paula Caspão
sessenta e sete	Quasiconferência crepuscular sobre <i>Quarteto</i> de Heiner Müller	Anabela Mendes
setenta e dois	Cassandra e o teatro como um estaleiro sem fim Jorge Palinhos	Jorge Palinhos

Notícias de fora		
setenta e sete	O novo circo em Edimburgo: Areias movediças? Pecadilhos?	Constança Carvalho Homem
oitenta	<i>L'on y joue, l'on y danse:</i> Quatro datas e um novo Director <i>sur le Pont d'Avignon</i>	Alexandra Moreira da Silva
Passos em volta		
oitenta e cinco	"A maior FITA que o Alentejo já viu"	Eunice Tudela de Azevedo
oitenta e oito	Que tempos estes...	Ana Campos
noventa	<i>Novos Autos da Revolução</i> para sete "criaturas inteiras" de António Lobo Antunes	Christine Zurbach
noventa e quatro	A sublime beleza do eterno perecível	Sebastiana Fadda
noventa e oito	O que é o Ocidente?	Vera Santos
cem	Flecha FATAL	Elisabeth C.
Leituras		
cento e cinco	Uma orquestra de palavras	Emília Costa
cento e sete	Transforma-se o amador na coisa amada...	Maria Helena Serôdio
cento e dez	Três formas diferentes de ler Tiago Rodrigues	Luís Mestre
cento e treze	Uma tragicomédia que dialoga com Samuel Beckett	Maria Helena Serôdio
cento e dezasseis	As metamorfoses da quinta Musa	Rita Martins
cento e dezoito	Publicações de teatro em 2013	Sebastiana Fadda
Arquivo solto		
cento e vinte e um	<i>O processo do rasga:</i> Na senda de um sucesso dos teatros de feira	Paula Magalhães

< >

Cabaret alemão,
de Luísa Costa Gomes,
enc. António Pires,
Teatro do Bairro, 2014
(Maria Rueff),
fot. Mário Sabino Sousa.



Que tempos estes...

Ana Campos

Título: Cabaret alemão. Texto: Luísa Costa Gomes. Encenação: António Pires. Interpretação: Maria Rueff e Sofia de Portugal. Com a participação de: Hugo Mestre Amaro, João Araújo e Mário Sousa. Desenho de luz: Vasco Letria. Figurinos: Dino Alves. Caracterização: Jorge Bragada. Produtor: Alexandre Oliveira. Local e data de estreia: Teatro do Bairro, Lisboa, 17 de Março de 2014.

"Que tempos são estes em que temos de defender o óbvio?"
(Bertolt Brecht)

Terão sido, certamente, as semelhanças flagrantes entre, por um lado, a situação de grave crise social, económica e política que, na Alemanha, levou à ascensão ao poder do nacional-socialismo (com as consequentes atrocidades contra a Humanidade que todos conhecemos) e, por outro, o estado em que se vive hoje nos países do Sul da Europa que conduziram um conjunto de criadores – inventivamente reunidos no Teatro do Bairro, em Lisboa – a imaginar a situação, totalmente hipotética, de o nosso país se encontrar sob o domínio alemão em várias áreas, inclusive políticas e económicas. Mesmo sabendo que, de facto, na política europeia, é hoje a Alemanha que – por razões várias, mas de modo bem diverso – determina em grande medida a agenda económica e financeira da Comunidade Europeia...

Como é sabido, porém, foi nesse primeiro contexto que se verificou, paralelamente à instabilidade vivida na Alemanha, uma notável eferescência cultural que acabaria, também ela, por marcar as várias manifestações artísticas durante todo o século XX, chegando mesmo aos nossos dias, como este espectáculo vem provar.

Foi, de facto, naquele contexto que se desenvolveu, nas mais cosmopolitas capitais europeias, um género de

divertimento conhecido por *Cabaret* de forte cariz de crítica social. Na Alemanha, este tipo de espectáculo ganhou incisivos contornos políticos em salas berlinenses como *Wilde Bühne* (1921), *Kabaret der Komiker* (1924), *Katakombe* (1929) ou *Tingel-Tangel* (1931), sendo depois completamente eliminado durante o nazismo, obrigando os seus participantes a fugir para outros países ou, no caso dos que não conseguiram fazê-lo a tempo, à deportação para campos de concentração.

O espectáculo aqui analisado parte de algumas canções da autoria de compositores de músicas da época áurea do cabaret alemão como Friedrich Holländer (1896-1976), Rudolf Nelson (1878-1960) e Hans Eisler (1898-1962), bem como de poemas de Kurt Tucholsky (1890-1935), Eric Kästner (1899-1974), Thomas Mann (1875-1955) e Bertolt Brecht (1898-1956), pertencendo a este último a autoria da frase que surge como subtítulo do mesmo, sugerida no título deste artigo e aqui citada em epígrafe.

Maria Rueff e a sua equipa não hesitaram em usar este modelo para levar o público – a quem é permitido assistir ao espectáculo sentado em mesas e fazer acompanhar a sessão por uma bebida – a tomar consciência do momento histórico que atravessamos. O espírito leve deste tipo de



< >

Cabaret alemão,
de Luísa Costa Gomes,
enc. António Pires,
Teatro do Bairro, 2014
(Maria Rueff),
fot. Mário Sabino Sousa.

divertimento, o talento inegável de Maria Rueff, que domina a cena e tem a capacidade de converter todos os imprevistos em momentos hilariantes (como quando, por exemplo, as marcações falham), bem como o texto acutilante de Luísa Costa Gomes, o desempenho dos músicos, o assumir dos nomes próprios dos actores, entre outros aspectos, funcionam como um instrumento cáustico – mas eficaz – de intervenção crítica no momento actual.

A assumpção de um discurso não aceite oficialmente dentro do cenário imaginário de uma ocupação alemã remete o espectáculo para uma das funções que esta manifestação artística pode ter, ainda que, em épocas de prosperidade, ela seja menos perceptível: a de questionar a ordem social, política e económica e, consequentemente, a de despertar consciências, funcionando assim, como uma possível forma de resistência.

Ainda que o modelo seja o do cabaret alemão, o espectáculo faz uso de outros recursos, como os vídeos da autoria de José Budha que, para além de estilisticamente funcionarem como elementos de grande beleza visual, são também um contraponto à cena, feito, porém, num registo menos cómico. Ao fundo do pequeno palco, lado a lado com as projecções, existe apenas meia cortina de veludo vermelho a toda a altura, pois como lembra a protagonista, "hoje quem é que tem dinheiro para veludo?". Todas as opções cénicas convergem, assim, com coerência para o espírito que envolve por completo esta produção. Para além dos aspectos que já mencionei, a utilização de uma linguagem própria das classes menos instruídas, plena de incorrecções linguísticas (uma das personagens lembra que em Portugal se pode "não querer o 'comer' feito para o jantar") e de expressões populares, aproxima a cena do público através da identificação e do riso.

Cabaret alemão na sua jocosidade convida ainda à reflexão sobre aspectos característicos dos tempos que vivemos e que são, também eles, a causa de uma grande instabilidade social. Enquadra-se aqui, por exemplo, a

situação difícilíssima que atravessa a maioria das mulheres divorciadas, com filhos pequenos a seu cargo e um emprego modesto, o que leva a manobras de acrobacia que diariamente têm de fazer para cumprir da melhor forma estas responsabilidades. Reflecte-se, ainda, sobre o mito do amor romântico que cria e destrói relações a uma velocidade acelerada no mundo ocidental, fazendo-se o contraponto com o tempo em que as estruturas familiares eram duradouras ainda que, para isso, inibissem arroubos de exagerada – e inoportuna – honestidade.

Digna de atenção, entre outros elementos, é a interpretação, num registo discreto, de Sofia de Portugal, mas que, juntamente com Maria Rueff, compõe uma dupla notável, que galvaniza a atenção do espectador. Muito bem construída é também a personagem interpretada por Hugo Mestre Amaro, mas cuja reviravolta final só pode ser compreendida dentro do contexto de contida liberdade de expressão – e de uma efectiva falta de auscultação das vozes discordantes por parte dos poderes instituídos – no tempo desta democracia fictícia em que vivemos hoje.

Por todas estas razões, considero que *Cabaret alemão*, com encenação assinada por António Pires, propõe uma observação profunda da nossa realidade, na medida em que tem a coragem de colocar o dedo na ferida da consciência do público. De facto, e como o texto nos recorda, hoje não é proibido falar de certas questões, mas sempre há quem diga que "parece mal".